

CONCEPÇÃO DO AMOR E IDEALIZAÇÃO DA MULHER NO ROMANTISMO (*)

Considerações a propósito de uma obra de Michelet.

Emília Viotti da Costa

Um dos setores da História de mais difícil abordagem científica é o da História da Sensibilidade (1). As dificuldades com que se defronta qualquer historiador, em face da documentação, aparecem neste campo, muito aumentadas. Nem sempre é fácil interpretar o verdadeiro sentido das palavras, evitar a projeção de experiências e realidades presentes no passado ou deixar de incorrer em generalizações apressadas. A possibilidade de se cometer involuntariamente transgressões dessas normas metodológicas está sempre a ameaçar a obra de reconstituição histórica, principalmente quando se trata de analisar idéias, valores ou sentimentos de outras épocas.

(*) — Estas notas não pretendem senão apresentar um documento, curioso para o estudo da história do amor: o livro *L'Amour* de Jules Michelet.

(1) — Este setor da História é em geral estudado como um capítulo da História das Idéias: *Histoire des mentalités*, como preferem os franceses, ou *Geistgeschichte*, *Ideengeschichte* dos alemães ou ainda *History of Ideas* ou *Intellectual History* dos ingleses e americanos. Entre outros artigos a respeito veja-se G. Duby, "Histoire des mentalités", in *L'Histoire et ses Méthodes*, Paris, 1961. Ph. Wiener "Some Problems and Methods in the History of Ideas", in *Journal of the History of Ideas*, oct.-dec., 1961. Arthur Lovejoy, "Reflections on the History of Ideas", in *Journal of the History of Ideas*, vol. I, jan. 1940, bem como numerosos artigos de Lucien Febvre publicados nos *Annales, Economies Sociétés Civilisations*, p. e. "Sorcellerie, sottise ou révolution mentale". Paris, 1948, "De l'à peu près à la précision", in A. E. S. C. Paris, 1951. "La mort dans l'histoire", in A. E. S. C., Paris, 1952. L. Febvre — *Combats pour l'Histoire*, Paris, 1953, págs. 207-244.

Há muitos trabalhos de psicólogos que abordam temas da História da Mentalidade e que têm encontrado grande aceitação por parte do público, como por exemplo, os de Erich Fromm e Karen Horney. A despeito de seu inegável interesse, essas obras em geral parecem simplificar demasiadamente o quadro histórico, condicionando a análise do real a fórmulas apriorísticas mais ou menos rígidas.

Caracterizar a maneira de pensar ou sentir de certos grupos sociais, mesmo de determinados indivíduos, não é tarefa fácil. Mais difícil é interpretá-la.

Para tanto não faltam documentos. Há documentos escritos como cartas, memórias, diários, obras literárias, e há mesmo documentação iconográfica. A maior dificuldade reside na sua utilização. No caso da documentação escrita, por exemplo, o difícil é conhecer o exato sentido das palavras. Muitas vezes elas conservaram, através dos tempos, a mesma forma, mas o seu sentido já não é o mesmo. Descobrir o verdadeiro sentido das palavras contidas num texto é tarefa que se impõe a qualquer historiador, mas no campo da História das Idéias ou na História da Sensibilidade, ela é uma das próprias razões de ser da pesquisa.

Outro problema que freqüentemente interfere perturbando o trabalho de reconstituição histórica é o perigo das generalizações apressadas. Na impossibilidade de fazer um levantamento exaustivo (total) da realidade, para o que faltam documentos e o tempo é escasso, o historiador vê-se obrigado a generalizar certos fenômenos que observa. Nesse processo de generalização reside uma das maiores provas a que se submete o trabalho do historiador. Pode-se afirmar que o valor de suas conclusões, a validade de sua obra depende da validade de suas generalizações. Mesmo que êle não endosse as concepções mais ou menos sociológicas dos que afirmam, como Marx, que o ser social do homem determina a sua consciência, o historiador vê-se, freqüentemente, compelido a atribuir a determinado grupo social idéias e hábitos comuns, e ao fazer isso nem sempre leva, ou pode levar em conta, certas peculiaridades existentes dentro do grupo. Às vezes, sente-se tentado a estender a tôda uma categoria social, a uma época histórica, a um povo, certos aspectos que conseguira registrar através da documentação, inevitavelmente parcial e descontínua. E, infelizmente, não dispõe o historiador de um instrumento dotado de grande sensibilidade e absolutamente seguro que lhe indique os limites que não devem ser transpostos

no seu esforço de generalização. Ora, é comum observar indivíduos pertencentes a um mesmo ramo de atividade profissional, por exemplo, que não têm as mesmas inclinações, sentimentos ou tendências, apresentando-se até contraditórios. O estudo do comportamento dos vários grupos que compõem uma determinada sociedade revelará, por sua vez, a coexistência de sentimentos diversos e até antagônicos. Comparando-se as obras de Ph. Wolf sobre os comerciantes e mercadores de Toulouse com as de Armando Saponi sobre o mercador italiano na Idade Média, verifica-se que os mercadores de Toulouse do século XIV não partilhavam, em absoluto, dos sentimentos, gostos, curiosidades, ambições e desejos de seus colegas de Florença. Como pois, falar na mentalidade do mercador medieval sem ter em conta as diferenças que existem entre o mercador que na mesma época vive em Florença, Portugal, Toulouse ou no Báltico?

Ao pretender reconstituir a maneira de pensar ou de sentir de uma certa época, ou de uma certa coletividade, o historiador dispõe de documentos escritos, obras literárias, que nem sempre são testemunhos do verdadeiro estado de espírito dessa coletividade. Há obras que são mais um protesto contra uma situação existente do que o seu retrato. São, isso sim, formas de evasão da realidade. Tomar esse protesto pela própria realidade é confundi-la. Isso não quer dizer que uma obra daquele tipo não possa ser igualmente elucidativa de uma maneira de pensar ou sentir. O risco está exatamente em tomar as nuvens por Juno.

Há a considerar ainda que as obras mais famosas, as chamadas grandes obras, nem sempre são as que melhor definem o pensamento ou a sensibilidade de um certo grupo social. As menos significativas, as de menor valor literário podem melhor caracterizar as tendências gerais, assim como ter um maior campo de influência, uma penetração maior junto ao público. Outro embaraço que ocorre freqüentemente na utilização do documento deriva do uso de textos traduzidos. Nem sempre pode o estudioso ler o texto original. Recorre então às tradu-

ções e fica à mercê delas. O pensamento original poderá estar completamente deformado na tradução, pelo emprêgo de termos modernos que trazem consigo um significado atual, muito distante das idéias primitivas. Dêsse fato resultam graves erros de interpretação. E' o caso, por exemplo, de um autor que pretendeu demonstrar que oito séculos antes de Darwin, já Alberuni, manifestava idéias evolucionistas. Ao que parece utilizara para o seu estudo um texto vertido para o inglês em 1887 — numa época em que as idéias de Darwin estavam em plena voga. Possivelmente, o dito evolucionismo de Alberuni, nada mais seria, na realidade, do que o evolucionismo dos seus tradutores! (2).

Na caracterização histórica de um sentimento ou uma idéia há a considerar ainda a facilidade com que idéias de épocas passadas são incorporadas, a cada instante, no presente, conservando-se intactas ou sendo reinterpretadas. Daí a dificuldade de se separar o que é típico de um autor, ou de uma época, daquilo que êle foi buscar em leituras casuais, em autores de outros tempos que o impressionaram.

No esforço analítico e compreensivo que o historiador desenvolve, ao caracterizar uma idéia ou tentar explicá-la, está comprometida consciente ou inconscientemente tôda sua posição filosófica, principalmente a posição que assume em face de certas questões. Como encara êle o problema da identidade e diversidade da natureza humana através do tempo? (mutabilidade e, ou permanência da natureza humana). Qual a importância que atribui respectivamente aos fatores racionais e irracionais na explicação da conduta individual e coletiva? Dá êle maior importância ao caráter individual e autônomo de uma idéia ou sentimento, ou preocupa-se mais em estabelecer a coincidência entre o sentimento individual e o do grupo e mais amplamente o de uma época? Na explicação de uma idéia ou sentimento dá maior ênfase às condições econômico-sociais, subordinando aquêles a estas ou procura explicá-los dentro do

(2) — Wiener, Ph. — *Some Problems and Methods in the History of Ideas*, loc. cit.

seu próprio contexto, isto é, acredita que as idéias encontram sua explicação na sua própria história, de maneira mais ou menos independentes dos demais fatores? (3). A maneira pela qual êle responde a essas questões norteia sua pesquisa e condiciona, até certo ponto, os seus resultados.

Na História das Idéias ou da Sensibilidade sucede o que também se observa na Historiografia em geral: uma obra de história é freqüentemente tão elucidativa sôbre a época em que ela foi escrita, sôbre o seu autor, quanto o é sôbre a época que pretende abordar. Na análise que o historiador faz dos sentimentos ou idéias do passado, é provável que revele tanto de si mesmo quanto do passado que está estudando (4).

Essas considerações metodológicas, mais ou menos abstratas, tornam-se mais compreensíveis na análise de um problema concreto, por exemplo no estudo da concepção do amor e da idealização da mulher no Romantismo.

Através das fontes literárias é fácil verificar que a maneira de amar, ou pelo menos de exteriorizar o amor, assim como a concepção que dêle se faz, não têm sido as mesmas através do tempo. Os numerosos estudos sôbre o amor na época da cavalaria, o amor no século XVII, na época do “preciosismo” na França, por exemplo, demonstram essa variedade de manifestação amorosa. A leitura dos autores do Romantismo — embora estejam êles muito mais próximos de nós do que os “troubadours” medievais ou os “preciosos” do setecentismo — permite-nos também apreciar as diferenças de compor-

(3) — Essas duas tendências podem ser facilmente observadas, por exemplo, em certos trabalhos sôbre História da Arte. Comparando-se os livro de Woelflin com os de Tapié encontramos os dois enfoques diversos. Consultem-se a êsse respeito os trabalhos de Robert Mandrou, “Le baroque européen: mentalité pathétique et révolution sociale”, in *Annales*, 1960, n.º 5, e V. L. Tapié, *Baroque et Classicisme*. Paris, 1957.

(4) — A êsse respeito E. H. Carr em sua recente obra *What is History*. London, 1961, faz interessantes considerações sôbre a obra de Mommsen, Grote, Trevelyan e Namier e afirma: “I should not think it an outrageous paradox if someone were to say Grote’s History of Greece has quite as much to tell us today about the thought of the English philosophical radicals in the 1840’s as about Athenian democracy in the fifth century B. C. or that anyone wishing to understand what 1848 did to the German liberals should take Mommsen’s History of Rome as one of the books, págs. 30-33.

tamento entre os personagens que vivem em suas obras e aquêles que povoam o romance e o teatro contemporâneo. Ficamos, muitas vêzes, perplexos diante dos transbordamentos românticos dos autores do século passado, sua idealização da figura feminina. Poderíamos falar em diversidade de maneiras de sentir? Ou nos contentaremos em afirmar que os autores do Romantismo tinham um ideal diferente de amor, assim como idealizavam a mulher de uma maneira diversa da nossa? Entre a idéia que se tem de um sentimento e aquilo que realmente se sente, que distância existe? Poderemos algum dia chegar a escrever uma história dos sentimentos ou teremos que renunciar a isto e nos limitar a escrever a história das idéias que se tem dos sentimentos? Por outro lado, até que ponto êsses romances, essas personagens do romantismo refletem uma realidade social em que vivem mergulhados os autores que os criaram, e até que ponto representam um protesto contra essa mesma realidade, um desejo de modificá-la? E finalmente: em tôda essa maneira de conceber o amor e a mulher, tão diversa daquela que encontramos hoje, que existe de mero artifício literário, tendência literária ou estilo?

A que grupos sociais corresponde o retrato do amor e da mulher que as obras do romantismo nos oferecem? Poder-se-ia dizer que êle corresponde a uma determinada sociedade, ou teremos que nos limitar a reconhecer naquela caracterização o retrato do amor, tal como é concebido por um pequeno grupo: aquêle de onde saem os escritores românticos, principalmente aquêle onde êles vivem, e para o qual escrevem? E ainda: até que ponto teriam êles exercido, com suas obras, uma influência no sentido de modelar a conduta e os sentimentos de seus leitores?

Essas considerações nos ocorreram ao ter em mãos, por acaso, o livro de Michelet: **L'Amour**. Publicado em 1858, êle apresenta uma visão do amor e da mulher perfeitamente a gôsto de certa tendência do Romantismo e só pode ser bem compreendido se enquadrado dentro das características gerais da literatura romântica.

*

Já no século XVIII esboçavam-se muitas das manifestações comuns ao Romantismo: a crença na bondade natural do homem, o culto da amizade, da recordação e da lembrança, o culto da sensibilidade, o hábito de se abandonar às doces emoções, ao terno, a tendência a se cultivar a piedade pelo infortúnio físico ou moral, assim como outros motivos de enternecimento: o gosto contemplativo da natureza, o amor pelas paisagens melancólicas, lunares ou outonais. A maior parte dessas características são encontradas na literatura oitocentista da França (**Nouvelle Heloise** de Rousseau, por exemplo, 1761), na Inglaterra (em Sir Charles Grandison de Richardson [1764]) e na Alemanha (**Werther** de Goethe [1774]).

Observa-se nessa literatura pré-romântica o prazer de se sentir bom, caridoso e meigo, a preferência pelas atitudes suaves, assim como a convicção de que virtude e sensibilidade de alma são sinônimos. A sensibilidade é medida pela exteriorização numa conduta que, para muitos, hoje, seria considerada ridícula: um transbordamento de emoções e lágrimas fáceis, atitudes implorativas, posição de joelhos, súplicas e enternecimentos que empolgam tanto as figuras femininas como as masculinas (5).

Na literatura do século XVIII também se manifesta o gosto pela crítica social e moral, voltando-se ela principalmente contra os preconceitos aristocráticos. Criticavam-se os casamentos de conveniência, sem amor, tão frequentes na aristocracia e não menos comuns, provavelmente, na burguesia. Um apêlo à liberdade perpassa por tôdas essas obras. Elas refletem, algumas vezes, uma verdadeira crise do pensamento cristão, bem como a crise dos valores da sociedade aristocrática, antecipando o **mal du siècle**.

Todos êsses aspectos que já se anunciam no século XVIII, permanecem como característicos da literatura romântica do

(5) — Van Tieghen, Paul, *Le romantisme dans la littérature européenne* Paris, Albin Michel, 1948 (Bibliothèque de Synthèse historique), págs. 433 e ss.

século XIX. As agitações revolucionárias e as transformações político-sociais que atingem o Mundo Ocidental de maneira mais ou menos profunda conforme os países, os movimentos liberais e nacionalistas do período que se segue à Revolução, a tentativa de Restauração dos Antigos Regimens, os progressos da Revolução Industrial em algumas nações, como a Inglaterra e a França, tudo isso não eliminou da literatura aquêles traços, acentuando-os mais ainda. Ao mesmo tempo outros aspectos surgiram. Há novas condições de vida para os homens de letras. Alguns saem de classes mais populares. Os “salões”, embora continuem a se manter, perdem muito de sua primitiva importância. Com o desenvolvimento da imprensa, o campo de ação do escritor se amplia, o público muda pouco a pouco.

Ambiciona-se uma literatura que seja original, “moderna” e verdadeira. Pretende-se evitar o convencional. Tão grande é o desejo de ser autêntico e comprovar sua própria autenticidade que se cai, por vêzes, num outro tipo de convencionalismo.

O estado de alma romântico foi partilhado por um grande número de indivíduos, que reencontravam nos autores românticos traços de sua alma. O Romantismo expressava uma tendência peculiar a certos grupos da sociedade dentro da qual viviam os escritores. Êstes, faziam-se intérpretes não de tôda a sociedade de seu tempo, mas de uma vasta família de espíritos que se reencontrava em suas obras (6).

Enquanto para os representantes do Classicismo a “razão” era a característica essencial do homem — sua própria substância — e a sensibilidade e imaginação apareciam como acidentais, para os românticos estas eram as qualidades mais importantes. Já em 1801 Coleridge observava que tôda verdade é uma espécie de revelação. Partindo-se dessa convicção passava-se a acreditar que a sensibilidade é guia mais seguro do que a razão (7).

(6) — Van Tieghen, Paul, *op. cit.*, pág. 247.

(7) — *Idem*, págs. 249-250.

Os autores do Romantismo revelam na sua maior parte revolta contra a sociedade, horror à realidade, desejo de fuga através ou da imaginação ou do isolamento, refugiando-se o autor dentro de sua própria sensibilidade. Curiosamente, ao lado dessa tendência à evasão, certas obras dêsse período denotam o gôsto pelas descrições minuciosas da realidade.

A partir da idéia da preponderância do sentimento sôbre a razão, a vida afetiva passou para o primeiro plano, marcada por profundo subjetivismo e acompanhada de uma conduta que se caracterizava por transbordamentos e confissões de caráter extremamente íntimo e pessoal. O tema do amor tornou-se absorvente. Ele assume lugar importante na obra da maior parte dos autores românticos. Às vêzes, aparece como uma espécie de culto votado a Deus ou à Natureza: uma verdadeira religião. Considerado não como uma simples inclinação dos sentidos ou um capricho do coração, mas como um

“princípio divino” “o amor adquire direitos imprescindíveis que primam sôbre a tradição social ou as leis civis”: “Dois sêres que os homens separam têm o direito a unir-se diante de Deus, dois sêres que os homens uniram sem amor, têm o direito de considerar essa união como nula”.

Chega-se mesmo a afirmar, como Schlegel, que

“todos os casamentos não são mais do que concubinagens legais, pois que o verdadeiro amor não após o timbre divino” (8).

A mesma idéia é desenvolvida em Shelley (**A rainha Mab**), onde o autor se insurge contra a lei que obriga a amar ou a fingir quando se cessou de amar. A fidelidade da mulher no casamento, quando não há amor, é considerada por Stendhal uma coisa contra a natureza (9), chegando êle a dizer:

(8) — Op. cit., pág. 267.

(9) — Stendhal, *De l'Amour*. Paris, Gallimard (1932), tomo II, pág. 31 (1a. ed., 1822).

“Il est beaucoup plus contre la pudeur de se mettre au lit avec un homme qu'on n'a vu que deux fois, après trois mots latins dits à l'église que de céder malgré soi à un homme qu'on adore depuis deux ans” (10).

Também nos primeiros romances de George Sand o amor é santificado, seus direitos consagrados e a “comédia do amor” exigida pela sociedade e pela moral reinante é criticada. Em **Jacques** chega ela a afirmar que as leis deveriam curvar-se aos sentimentos e não os sentimentos às leis.

Os autores românticos rebelam-se contra as convenções sociais. Byron, Tennyson, George Sand, protestam contra a sociedade e a moral social reivindicando os direitos do amor e da mulher (11).

Encarnando o amor, a sensibilidade, a emoção, a figura feminina terá na literatura romântica um marcante papel. A figura idealizada da mulher oscila entre duas tendências: a mulher anjo e a mulher demônio. A mulher anjo é a purificadora do coração do amante, capaz de enobrecer sua alma e de fortificá-lo, aproximando-o de Deus: desperta-lhe a sensibilidade para o belo, encoraja-o na sua missão política ou patriótica, revigora-o moralmente. E' a mulher benfeitora, a conselheira e guia: a mulher que reflete a luz divina (12), a mulher inspiradora.

O amor, neste caso, aparece como uma virtude: todo amor é sincero e, por isso mesmo, nobre e edificante. O amor divinizado, em certas obras de George Sand, Lamartine, Hugo, sem falar nos autores alemães como Schlegel ou Novalis, assume foros de religião. Desenvolve-se, ao mesmo tempo, a mística do primeiro amor. Ao lado dessa idéia, surge a tese da redenção da pecadora: a mais vil das mulheres pode ser redimida por um verdadeiro amor, puro e desinteressado. Essa tese, de preferência francesa, criou grandes tipos literários, desde Marion Delorme até a Dama das Camélias.

(10) — *Ibidem*, tomo I, pág. 58.

(11) — Picard, Roger, *El romanticismo social*. Fondo de Cultura, 1947.

(12) — Flora Tristan em *Méphis*, apud. Picard, *op. cit.*, pág. 309.

Para outros, a mulher não é anjo e sim demônio que, com seu encanto mágico, seduz e enfeitiça. O amor é febre que consume, é perdição e loucura. Aparece como uma espécie de maldição e tormento (13). Tem, por vêzes, o sabor de uma profanação, o gôsto de todos os vícios, atingindo, em certos romances, os paroxismos de uma fúria orgiástica que envolve os personagens num clima de frenesi e loucura.

Já no século anterior, em algumas obras de Richardson (**Clarice Harlowe**), nas **Liaisons Dangereuses**, de Charles de Laclos, e principalmente nas obras do Marquês de Sade, desenvolvia-se o tema do vício e da crueldade triunfando sôbre a pureza (14). O prazer da destruição, da transgressão, o êxtase satânico, o gôsto pela basflêmia, misturavam-se nessa sombria concepção do amor que representa já uma das tendências do romantismo (15).

Espectáculos cruéis e terroríficos (16), que continuam o espírito que inspirou as obras do Marquês de Sade, são retratados em certas obras em que o amor e o desejo aparecem como sentimentos torturantes e cruéis. Baudelaire, num de seus sonetos, definirá em poucas palavras essa tenebrosa concepção:

L'Amour dans sa guérite
Tenebreux, embusqué, bande son arc fatal
Je connais les engins de son vieil arsenal
Crime, horreur et folie (**Fleurs du Mal, Sonnet D'Automne**).

Prende-se esta tendência a uma visão pessimista e mórbida da natureza humana que é vista como comprazendo-se no pecado e desejando o mal.

(13) — Sôbre essa maneira de encarar o amor veja-se o livro de Mário Praz, **La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica**. Firenze, 1930.

(14) — **Justine ou les Malheurs de la Vertu** (1791), **Juliette ou les Prosperité du vice** (1796), são os títulos de duas obras do Marquês de Sade que parecem ter exercido grande influência sôbre certos autores do romantismo. Mário Praz, na obra citada, destaca entre outros Hugo, Th. Gautier, G. Sand, E. Sue, Musset e Dumas. Chega mesmo a afirmar que o aspecto específico do mal du siècle não é o ennuí mas o sadismo.

(15) — Praz, Mário, *op. cit.*, pág. 106.

(16) — *Ibidem*, págs. 115-116-156, *passim*.

São adultérios, incestos, torturas, quadros macabros, chegando por vêzes aos extremos do vampirismo, as traições, os crimes, as flagelações que caracterizam as obras que se enquadram dentro desta linha de inspiração.

A mulher aparece ora como vítima de torturas infinitas (continuando a tradição oitocentista), ora como instrumento da perdição do homem, e seu algoz (17). Não raro, é descrita como figura dotada de implacável crueldade, instrumento de Satã, impiedosa e libertina (18). Dotada de fôrça mágica, conhecedora de todos os sortilégios, ela se torna irresistível e arrasta os homens aos mais infinitos vícios, conduzindo-os à perdição e, às vêzes, ao crime. Ostentando um gênero de beleza funesta, diabólica, escraviza o homem aos seus caprichos, levando-o ao delírio. Infiel, instável, caprichosa, impetiosa e cruel, é o extremo oposto da outra figura feminina retratada pela obra romântica: a mulher anjo, encarnação do bem e da virtude. “Ay que es la mujer angel caido” exclamava Espronceda, interpretando essa visão da mulher (19).

Nos exageros românticos, o amor abre as portas do paraíso ou conduz aos infernos. Faz de seus “eleitos ou de suas vítimas figuras pálidas, delicadas, melancólicas ou ilumina-

(17) — Praz, Mário, op. cit., pág. 343.

(18) — *Ibidem*, pág. 149.

(19) — Referindo-se à inconstância da mulher, dizia Byron “one man, alone, at first her heart can move, she than prefers him in the plural number”.

E Espronceda:

“Siempre igual necias mujeres
inventad otras caricias
otro mundo, otras delicias,
o maldito sea el placer,
vuestros besos son mentira,

mentira vuestra ternura. (in Esteban Pujals — Espronceda y Lord Byron, Madri, 1961, Consejo Superior de Investigaciones Cient.). Em Byron já se observa inclinação a essa concepção do amor. Nas suas Oeuvres de Jeunesse, vol. I, págs. 125-126, dêle dizia Flaubert: “Il ne croyait à rien si ce n'est a tous les vices, à un Dieu vivant, existant pour le plaisir de faire le mal”. Esse retrato, embora discutível, foi aceito mais ou menos pela maioria dos românticos e o “byronismo” foi muito além de Byron. Entre os autores que continuam a tradição sádica do amor, Praz em sua obra anteriormente citada aponta ainda Flaubert, Swinburne e Baudelaire.

das e enobrecidas por um ideal que as eleva e purifica ou devoradas por paixões que conduzem aos abismos” (20).

Entre os traços característicos do romantismo francês, aparece, principalmente a partir de 1830, a preocupação com as questões sociais.

Poucos foram os românticos franceses pròpriamente sociais, como Musset, ou que subscreveriam as rimas de Gauthier em que êle afirma que é dêsses poetas:

“qui s'inquiètent peu d'être bons citoyens”
qui vivent au hasard et non d'autre maxime
si non que tout est bien pourvu qu'on ait la rime” (21).

Passadas as primeiras tendências pessimistas, o otimismo social tornou-se característico do Romantismo (22). A maior parte dos autores manifestou verdadeira consciência social e abandonou a literatura ou poesia puramente individualista dos primeiros tempos, por inspirações de ordem mais geral. Ao idealizar a sociedade, aspiram, muitas vêzes, a superar a pintura da realidade e expressar as necessidades desta, antecipando o momento em que suas esperanças viessem a se converter em realidade:

“Je veux peindre l'homme tel que je souhaite qu'il soit”,

escrevia, em 1851, G. Sand (23).

Nenhum sofrimento, nenhuma miséria lhes era diferente. Queriam consolar e reabilitar os desgraçados e decaídos, e exigiam à sociedade que se reformasse para destruir os males e injustiças, cuja criação permitira. Liberdade, justiça e progresso, temas comuns ao literato e ao reformador social. No movimento romântico as doutrinas literárias estavam pois, freqüentemente, ligadas às preocupações sociais (24). Muitos

(20) — Van Tieghen, op. cit., pág. 267.

(21) — Picard, R., op. cit., pág. 48.

(22) — *Ibidem*, págs. 50 e 51.

(23) — Van Tieghen, op. cit., pág. 373.

(24) — Picard, op. cit., págs. 43 e 51.

dêsses autores preocupavam-se com o papel social da mulher e refletiam em suas obras o desejo de emancipá-la. Neste sentido, ligavam-se ao pensamento social de seu tempo. Questões literárias e sociais apareciam lado a lado nas revistas da moda, como a **Revue des Deux Monde, Le Globe** e outras.

As idéias de Saint Simon, Fourier, Enfantin, no que se refere à libertação da tutela da mulher parecem empolgar a muitos românticos dando origem a uma tendência feminista na literatura, que corresponde à tendência feminista do pensamento social, já esboçado desde a Revolução Francesa.

A condição social em que vivia a mulher: de submissão nas classes médias e de miséria nas camadas mais populares, a carência de leis protetoras da maternidade, o fato de viver a mulher cerceada pela proibição legal ou convencional do acesso a determinadas carreiras (25), constituem tema de protesto para os pensadores sociais e motivo ou pretexto para os escritores românticos que aspiram à redenção da mulher. Os saint-simonistas e os feministas em geral, principalmente êstes últimos, pretendiam em suas campanhas suprimir a exploração da mulher pelo homem, desejavam a igualdade entre os sexos, chegando a admitir que ela pudesse ascender a tôdas as dignidades e participar de todos os empregos (26).

A obra **Valentine**, de G. Sand, foi saudada com entusiasmo pelos saint-simonistas. **Jacques** foi considerada autêntica interpretação das idéias de Enfantin, embora ela não aceite todo o programa feminista, aconselhando, por exemplo, uma educação diferente para o homem e a mulher (27), discordan-

(25) — Na época de Luís Filipe, em França, as mulheres estavam excluídas de todos os empregos públicos, assim como das profissões liberais, enquanto o hábito impedia-lhes o acesso aos escritórios (Picard, *op. cit.*, 316).

(26) — Fourier acreditava que a extensão dos privilégios às mulheres era o princípio geral de todos os progressos sociais. Afirmava que era necessário liberar-se as mulheres de tôdas as submissões e injustiças. No Falanstério pretende conceder liberdade política, econômica e social à mulher, pois só assim, considerava êle, poderia a sociedade desenvolver seus talentos. Essa também era a idéia de Cabet (Picard, *op. cit.*, págs. 312-313). Pretende-se mesmo a igualdade entre marido e mulher, inclusive no que se refere ao pátrio poder, bem como o restabelecimento do divórcio que fôra suprimido pela Restauração.

(27) — Picard, *op. cit.*, págs. 321-322.

do, portanto, daqueles que, como Stern, afirmavam que se devia dar a um e a outro educação idêntica. Esse ponto de vista, aliás, não era unânimemente aceito pelos autores do Romantismo. Michelet, como veremos, discordará dêle.

O tema predileto da maioria dos pensadores sociais era o da mulher companheira, inspiradora das ações do homem.

Uma tendência representada por *Enfantin* pensava conjugar a idéia de libertação da mulher com a de reabilitação da carne (28). Segundo êle, o amor físico deveria deixar de ser considerado um mal, como “pretendera o pensamento cristão”, e passaria a ser santificado. Interpretando poeticamente êsse pensamento, exclama Hugo em sua obra **Redenção da Mulher**:

“Et qu'on ne peut a l'heure où les sens sont en feu
Eteindre la beauté sans croire embrasser Dieu”.

Assim o amor físico aproximava o homem de Deus.

Essas novas concepções foram muitas vêzes levadas a seus extremos (29). A audácia do pensamento feminista, expresso na obra de alguns românticos, não tardaram a provocar reação. A imprensa vituperou os excessos que acabaram por levar *Enfantin* e seus discípulos às barras dos tribunais por ultraje aos bons costumes. Esse processo correu ao mesmo tempo contra Hugo, por sua obra: **Le roi s'amuse** e

“os críticos sensíveis às analogias que existiam entre certas teses do romantismo e a escola de *Enfantin* e *Saint Simon*, englobavam a ambos em suas ironias” (30).

A reação contra as tendências feministas também encontrou acolhida em alguns autores como *Balzac* e *Guizot*. O primeiro, em sua obra **La femme de Trente Ans**, chegou a afirmar que emancipar a mulher é corrompê-la e *Guizot* manifestou-se contra o sufrágio das mulheres, uma vez que a Providência quis que estas se consagassem à vida doméstica. Con-

(28) — *Picard*, op. cit., pág. 310.

(29) — *Ibidem*.

(30) — *Ibidem*, pág. 312.

ta-se que M. de Keratry, a quem G. Sand submeteu seus primeiros ensaios, lhe teria dito:

“a mulher não deve escrever, não faça livros, faça filhos”... (31).

De maneira geral, pode-se afirmar que, apesar de algumas resistências, as idéias do pensamento social refletem-se na obra de autores do romantismo francês, a partir de 1830, aparecendo bem caracterizados o martírio social da mulher — escrava do lar, sacrificada pelo egoísmo masculino — o problema da mãe solteira repudiada pela sociedade e o da mulher incompreendida. Também se faz a defesa da cortesã: vítima do meio que a mantém em sua triste condição, mas capaz de regenerar-se, elevando-se até os cumes da virtude, por um amor sincero e abnegado. Às vêzes, encontra-se nessas obras a apologia da mulher forte que quer viver independentemente sua vida ou da jovem que almeja emancipar-se. Não raramente se defende a tese da reforma da educação feminina: um melhor preparo para o casamento, para a vida profissional e social, ao mesmo tempo que se insinua a necessidade de maior liberdade e garantias jurídicas para a mulher (32).

Até que ponto aí estão retratados os anseios da sociedade ou de um grupo social, até que ponto é o Romantismo o fator dêsses anseios, é impossível esclarecer completamente, assim como é impossível avaliar a influência exata dessas obras sobre a sociedade. Talvez tenha sido maior a dos autores de se-

(31) — R. Picard, op. cit., pág. 321.

(32) — R. Picard, op. cit., pág. 167. Pleiteando uma melhor educação para a mulher, dirá Stendhal, op. cit., tomo II, pág. 27: “L’éducation actuelle des femmes étant peut-être la plus plaisante absurdité de l’Europe moderne, moins elles ont d’éducation proprement dite, et plus elles valent”. E, mais adiante, pág. 29: “Quel est l’homme, dans l’amour ou dans le mariage, qui a le bonheur de pouvoir communiquer ses pensées telles qu’elles se présentent à lui, à la femme avec laquelle il passe sa vie? Il trouve un bon coeur qui partage ses peines, mais toujours il est obligé de mettre ses pensés en petite monnaie s’il veut être entendu, et il serait ridicule d’attendre des conseils raisonnables d’un esprit qui a besoin d’un tel régime pour saisir les objets. La femme la plus parfaite, suivant les idées de l’éducation actuelle, laisse son partner isolé, dans les dangers de la vie, et bientôt cour risque de l’ennuyer”.

gunda ordem, como Paul de Koch e Eugênio Sue (no Brasil, certamente com os folhetins), criando verdadeiras modas sentimentais (33). A verdade é que

“o novelista e o poeta inspiram-se na realidade, mas a fazem mais expressiva, freqüentemente a completam e sempre a interpretam chegando pouco a pouco a criar novas atitudes mentais, a destruir preconceitos e a criar outros novos, principalmente a dar novas expressões pelo comportamento ou pelas palavras a disposições e sentimentos permanentes da natureza humana” (34).

*

Embora publicado pela primeira vez em 1858, numa época tardia do Romantismo francês, o livro *L'Amour*, de Michelet (35), resume muitos dos aspectos da concepção do amor e da

(33) — Veja-se Castelo, José Aderaldo, “Os pródromos do Romantismo no Brasil”, in *A Literatura no Brasil*. Rio, 1956, vol. I, tomo II, pág. 629.

(34) — Picard, R., *El Romanticismo social*, pág. 338.

(35) — Jules Michelet (1798-1874) é conhecido principalmente como historiador. Suas obras gozaram de grande aceitação apesar de muito discutidas e severamente criticadas. Já no seu tempo Sainte Beuve, por exemplo, chegou a taxar Michelet de charlatão e a referir-se a êle como um “plat personnage”. Suplente de Guizot na Sorbonne em 1834, professor de História e Moral do Colégio de França (1838-1851), arquivista, perdeu seus cargos entre 1851-1852 com a subida de Napoleão III ao poder. Entre as suas numerosas obras destacam-se: *Introduction à l'Histoire Universelle* (1831), *Histoire Romaine* (1831), *Histoire de France*, em vários volumes, *Moyen Age*, seis volumes (publicados entre 1833-1844), *Révolution*, sete volumes (1847-1853), *Temps Modernes*, sete volumes (1857-1867), *Histoire de XIXème siècle*, três volumes (1872-1873). Espírito curioso, grande viajante, trabalhador incansável, devorando ano após ano livros de história, de literatura, de filosofia, amante da Natureza, escreveu, ao lado de suas obras de História, uma série de obras tais como *L'Oiseau*, *Le Peuple*, *L'Amour*, *Les Femmes*, *Nos Fils*, *La Mer*, *La Sorcière*, *La Bible de l'Humanité*, *La Montagne*. Muitas obras desta última fase foram escritas em colaboração com sua esposa Athénais Mialaret, o que resultou muitas vezes na adulteração da forma e do estilo de Michelet. Casou-se pela primeira vez com Pauline Rousseau em 1824. Quinze anos depois morria Pauline minada pelos caprichos alcoólicos e pela tuberculose. De 1840 a 1842, Madame de Dumesnil inspirou a Michelet outra paixão. Morta em 1842, deixou novamente um vazío em sua vida, que êle procurou preencher com várias aventuras, entre as quais algumas ancliares. Foi somente aos cinqüenta anos que Michelet uniu-se à sua última companheira, Mme. Mialaret, a qual não contava ainda trinta anos. Com ela viveu até 1874, ocasião de sua morte. E' nessa fase que escreve sua obra sobre o amor, embora, como êle próprio confessa, tivesse cogitado disso várias

idealização da mulher típicos do Romantismo. Sua preocupação social é evidente. O próprio Michelet não esconde seus objetivos moralizantes. Sentindo os problemas que afetavam a organização familiar, resolvera, diz êle nas suas primeiras páginas, escrever uma obra que denunciasse a realidade e pudesse contribuir para modificá-la. A situação social parecia-lhe desanimadora: as estatísticas revelavam uma queda na taxa dos casamentos, a população diminuía ou permanecia estacionária, o número de suicídios de mulheres crescia, aumentavam os índices de mortalidade por miséria e abandono (36). O amor, tal como se apresenta em nossos dias, diz êle,

“é uma guerra à mulher, aproveitando-se de sua miséria, aviltando-a. Casa-se cada vez menos nas cidades, as uniões são tardias e pouco sólidas”, “nenhuma necessidade de amor, de família; preferem-se os prazeres de uma vida poligâmica”.

E prossegue em seu diagnóstico:

“se o século XIII foi o da lepra e o XIV da peste, o XVI da sífilis, o século XIX será conhecido como o século das moléstias da matriz!”

A solução para todos êsses males, Michelet encontra na construção de um lar estável, alicerçado num verdadeiro amor. **L'Affranchissement moral par le Véritable Amour** deveria ter sido o título do livro. Nas suas quatrocentas e tantas páginas dá-nos uma visão do amor, da mulher, das obrigações do homem para com ela, dos riscos e vicissitudes pelos quais passa uma união. Sua linguagem é apaixonada, por vêzes melodramática, assumindo tons de devaneio poético, tão comuns entre os autores do Romantismo. Suas concepções, embora personalíssimas, como provam as críticas que seu livro suscitou, refletem, em muitos aspectos, uma concepção do amor e sobretudo

vêzes anteriormente. Para maiores dados: *Journal*, 2 vols. Paris, 1959; Monod, Gabriel — Jules Michelet, Hachette, 1905; do mesmo autor: *La vie e la pensée de Jules Michelet*, 1923, 2 vols., Carré, Jean Marie — Michelet et son temps, 1926; Fèbvre, Lucien — Jules Michelet. Paris, 1946. (36) — Michelet, Jules, *L'Amour*. Paris, 1889, 18a. ed., pág. 434.

uma idealização da figura feminina, típicas do Romantismo: o amor que purifica, que eleva o homem a Deus, que exalta as boas qualidades, amor que é adoração, por vêzes quase uma religião; a mulher anjo, beleza, timidez, suavidade, pudor e fraqueza; o homem vigoroso, decidido, arrebatado, a quem cabe tôda iniciativa e responsabilidade de uma união.

O retrato que traçou, já no seu tempo, foi considerado como uma idealização extrema da realidade. No **Journal des Débats**, de 22 de dezembro de 1859 (37), John Lemoinne criticou severamente o livro de Michelet. Na **Revue Critique**, em 1860, comentava-se, a propósito de seu livro **Les Femmes**, onde o autor desenvolvia idéias semelhantes, que se êle conseguisse propagar o espírito que o animava (a idéia do amor puro, das virtudes modestas, do nobre devotamento), o resultado seria excelente, mas, indagara o crítico, estaria aquêle quadro traçado à altura da capacidade humana? Suas idéias sôbre o amor e principalmente sôbre a mulher pareciam muito antiquadas (38). Assim, pouco depois do aparecimento do seu livro sôbre o amor, P. Marie Haas publicava: **L'Amour, renversement des propositions de M. Michelet**. Adèle Esquiros editava uma obra com o mesmo título: **L'Amour**. Lelia Michelet criticava a concepção de Michelet em **Sur l'Amour de M. Michelet, critique à vol d'oiseau**, e um autor desconhecido publicava **L'Amour qu' est-ce qu' c'est qu' ça?**

Atacava-se principalmente o retrato que êle traçara da mulher: frágil e indefesa (39). A época era, como vimos, de afirmações feministas, de desejos de emancipação política e social da mulher. Já por volta de 1830 o tipo que se consagrava quotidianamente nas revistas, jornais e na literatura em geral era o da **lionne**: figura desempenada, afetação de independência, por vêzes de cinismo, atitudes provocantes, repúdio

(37) — **Bibliographie des Ouvrages Relatifs à L'Amour aux Femmes et au Mariage**. Paris, 4ème. ed., 1894 (1a. ed. 1861), vol. I, pág. 107.

(38) — **Ibidem**, pág. 270, vol. II.

(39) — Também sua obra **Les Femmes**, publicada em 60, provocou uma série de respostas entre as quais **La femme, refutation des propositions de M. Michelet par Haas, 1860. La femme affranchie, réponse a M. Michelet par Jenny P. D'Herincourt, La femme telle qu'elle est, par Moeller, etc.**

aos preconceitos, aspiração a uma vida intensa, eis a mulher da moda. Ela se reconhece em Indiana ou Lélia, desafia as convenções sociais pela sua extravagância, fuma, bebe com desenvoltura e come com apetite viril. A moda das fraquezas sonhadoras e poéticas parecia ter passado (40). Ao lado da *lionne* a literatura acolhia a figura popular da *grisette*, consagrada por Béranger e Musset. A mulher retratada por Michelet: ingênua e pura, tôda suavidade, a necessitar proteção e carinho para sobreviver, a mulher para quem o amor é a própria vida, era considerada, por muitos, uma figura fora da época. Michelet, entretanto, não escrevia para o “grand monde”.

“Não escrevo para os ricos, diz êle, pois êsses não têm intimidade nem lar, e, infelizmente, não posso escrever para aquêles que não têm liberdade, que vivem dominados, esmagados pela fatalidade das circunstâncias, pelo trabalho incessante, pois o que se poderia aconselhar a quem não é livre?”

Era, pois, a uma certa “classe média” que êle se dirigia, e esta parece tê-lo recebido bem. Apesar de tôdas as restrições feitas ao livro, as edições se sucederam (41). Em 1889 publicava-se a décima-oitava edição e, ainda em 1920, J. Lemaitre, ao prefaciá-la, acentuava-lhe os aspectos positivos.

Sua concepção do amor como redenção, e da mulher como anjo frágil e indefeso, não é, certamente, a única encontrada na literatura romântica que, como vimos, contou também com a tradição “byroniana”. Mas no livro de Michelet reencontramos um dos retratos da mulher e do amor, com o qual nos familiarizamos, nas obras de alguns autores do Romantismo. Basta uma leitura para verificar que no Brasil do século passado muita gente idealizou o amor e encarou a mulher pelo mesmo prisma e através dessa mesma tradição romântica.

A maior parte dos atributos femininos que êle tão carinhosamente analisa, sua maneira de conceber o comportamento do

(40) — Moreau, P., *Le Romantisme*. Paris, pág. 157.

(41) — *Bibliographie des Ouvrages*, op. cit., pág. 107.

homem e da mulher no casamento, parecem-nos hoje inadequados. No retrato do amor que a literatura e o cinema ocidental nos apresentam, encontramos, quase sempre, a maioria das teses de Michelet negadas e desmentidas. Isso lhes dá mais ainda o valor histórico de um testemunho do Romantismo.

A mulher, diz êle, vive marcada pelo pêso de uma grande fatalidade: seu condicionamento biológico. A natureza favorece ao homem e não à mulher. Esta é frágil física e moralmente, mais propensa aos deslises e às más influências, menos capaz de se defender. Por isso precisa ser protegida e amada. Ela é totalmente diferente do homem. Agitam-se no seu íntimo qualidades contrárias: eleva-se pela sua beleza, sua poesia, sua viva intuição, mas é mantida pela natureza numa servidão de fraqueza e sofrimento. Pensa, fala e age diferentemente do homem. Seus gostos são diferentes, seu sangue corre de maneira diversa e até o ar que ela respira segue outro ritmo. Não come tanto quanto o homem, nem aprecia as mesmas iguarias. Seu processo digestivo é diverso — perturbado a todo instante pela sua emotividade:

“elle aime du fond des entrailles” (42).

A mulher é uma doente e como tal precisa ser tratada, com doçura e carinho.

“La femme n'est pas seulement une malade mais une blessé. Elle subit incessamment l'éternelle blessure d'amour”.

E' na relação de dependência da mulher em relação ao homem, e não na proteção que êste dispensa à mulher, que se forja a família (43). Quando ela não extermina seu sexo por um trabalho excessivo, como as camponesas, por exemplo, que se convertem em homens, quando permanece mulher, ela é sensível e condenada pelo seu processo biológico à moléstia. Por isso, dada sua fraca constituição e aos achaques próprios

(42) — Michelet, *L'Amour*, pág. 50.

(43) — *Ibidem*, pág. 55.

do seu sexo, ela é um mau operário. Michelet repele os argumentos dos economistas que valorizavam o desempenho da mulher na indústria e afirma que em todos os tempos e lugares, ela ocupou-se apenas dos trabalhos domésticos, um pouco de agricultura e jardinagem (44).

A mulher, diz êle, é incapaz mesmo de pensar e prazerosamente diria ao homem: pense por mim (45). Sua verdadeira missão é edificar o seu lar, refazer o coração do homem. Protegida e alimentada por êle, ela o alimenta de amor.

“Qu’el est son but de nature, sa mission? La première d’aimer, la seconde aimer un seul, la troisième, aimer toujours” (46).

Ela está exposta à menor variação climática ou emotiva, ao frio, ao medo, à dor, às perturbações digestivas. Cabe ao homem conduzi-la e orientá-la nos cuidados de higiene, assim como deve êle iniciá-la nos mistérios da vida e iluminar-lhe o intellecto. O homem deve assenhorear-se da mulher, pois êle, apesar de tôdas suas limitações, ainda é, bem mais do que ela, o detentor da verdade. O homem é clarividência, a mulher as trevas (47).

(44) — *Ibidem*, pág. 60.

(45) — *Ibidem*, pág. 93.

(46) — *Ibidem*, pág. 61.

(47) — *Ibidem*, pág. 157. Num simbolismo tão a gosto de certas filosofias chinesas — familiares a Michelet — em que as noções de Ying e Yang são fundamentais. Símbolos concretos, aspectos opostos e alternantes de todos os contrastes possíveis do Universo, o Ying e o Yang presidem à ordenação de tôdas as coisas: o cosmos, as estações, a vida do homem, seu pensamento e os acontecimentos que arrasta. Numa distinção ampla, o Ying é feminino, é sombra, umidade, frio, a ignorância, a força em repouso, etc., e o Yang é a luz, o calor, o seco, a ascendência a sabedoria, a força em movimento, etc. Um não existe sem o outro, um sucede ao outro invariavelmente, no ritmo perpétuo do universo. Nessa alternativa rítmica, o Ying contém o Yang em germe e vice-versa e a presença de um pressupõe imediatamente a do outro. São manifestações alternantes e complementares, fórmulas rítmicas da vida do universo e por conseguinte da vida social, política e religiosa. (Rivière, Jean Roger, *El pensamiento filosófico de Asia*. Madri, 1960, págs. 278 e ss.). Roland Barthes, em sua obra *Michelet par lui-même*. Paris, observa várias vezes a existência de um princípio masculino e um princípio feminino através das imagens micheletianas, sem que pareça ter feito essa aproximação entre Michelet e essa concepção filosófica chinesa. A leitura do *Journal de Michelet*

Natureza tão receptiva é, entretanto, pouco receptível à fecundação do espírito, o que se explica, em parte, pela sua própria natureza e em parte pela sua educação, em geral mal orientada. No seu papel de instrutor, de educador, o homem deve conduzir-se cautelosa e criteriosamente, escolher suas leituras, dosar o assunto, não exigir demasiado de seu espírito, evitar sobrecarregá-la, pois a leitura muito variada e mal selecionada poderá ter efeitos deploráveis sobre seu espírito. E' preciso respeitar o ritmo vital ao qual está subordinada e orientar seu estudo e suas leituras de acôrdo com as épocas biológicas propícias (48).

Não se deve dar à mulher cultura idêntica à do homem:

“Même a tout âge la femme doit savoir autrement que l'homme”,

pois ela corre o risco de vulgarizar-se. A ela deve permanecer o templo do homem, o altar do seu coração, onde todos os dias êle retomará a chama do amor puro:

“L'homme passera par les malheurs, les travaux de l'existence, il franchira les déserts, l'aridité de ce monde, les pierres, les cailloux, les rocs, où souvent saigneront ses pieds. Mais chaque soir il boira la vie dans ce fruits délicieux, tout plein de la rosée du ciel. Chaque matin, à l'aurore, il va s'éveiller rajeuni” (49).

Conceda-se tudo à mulher desde que se conserve sua pureza, o aveludado de sua alma.

Essa mulher que é a fonte regeneradora do homem é, entretanto, frágil e sensível. Os alimentos fortes, as refeições carnívoras lhe são prejudiciais, por isso deve alimentar-se principalmente de leite, legumes e frutas. Ela é sobretudo, tímida, cheia de pudor, por um nada se perturba e se ruboriza.

evidencia que êle ficou fortemente impressionado por elas. Pode-se tentar essa aproximação em várias passagens de seu livro sobre o Amor, que estamos analisando, sem que se esqueça das influências de Hegel e de Vico sobre o seu pensamento.

(48) — Michelet, op. cit., págs. 171-173.

(49) — *Ibidem*, pág. 177.

Ignorante dos mistérios do amor, necessita do amparo do homem, da sua proteção clarividente. Cabe a êle tôda iniciativa: mesmo a direção do lar (50).

A vaidade do homem leva-o a julgar que a mulher a êle se entrega vencida pelo amor físico. Como êle se engana! As mulheres são em geral frias por natureza, dado o desgaste de suas fôrças nervosas. Cedem, sem paixão, para cumprir seu destino de mulher, para assegurar o amor do homem e criar uma família. Cedem por ternura pelo homem, pelo nobre desejo de se devotar, de se dar (51). Contra a sedução, a mulher sòzinha pouco pode. Cabe ao homem defendê-la das tentações (52):

“Toute folie de la femme est une sottise de l’homme” (53).

Culpado é o homem, quer quando êle é o sedutor, quer quando no papel de marido, não sabe zelar pela mulher, abandonando-a em momentos difíceis e perigosos, não lhe dando a assistência necessária, permitindo que o tédio a envolva. A mulher mais instável é a que mais necessita de amor e se amada vigorosamente, será a mais fiel das mulheres. A mulher é por natureza monogâmica e fiel, se a natureza se perverte isso se dá por culpa do homem (54).

Encarando-a na sua fragilidade, Michelet insurge-se contra a legislação civil de seu tempo, que embora a declare menor, e por isso a interdite, colocando-a sob tutela do marido, quando se trata de julgá-la nas suas faltas, trata-a como maior e plenamente responsável pelos seus atos.

Ao mesmo tempo, apoiando-se nos estudos mais recentes de embriologia, que estavam em grande voga (Coste e Puchet, G. Saint-Hilaire e Serras, Baer e Negrier) (56), insurge-se con-

(50) — *Ibidem*, pág. 131.

(51) — *Ibidem*, pág. 197.

(52) — *Ibidem*, págs. 291 e 300.

(53) — *Ibidem*, pág. 18.

(54) — *Ibidem*, pág. 80.

(55) — *Ibidem*, pág. 15.

tra os preconceitos que “havia tradicionalmente considerado a mulher como impura”.

Como a maioria dos românticos, pretende reabilitar o amor carnal. Critica o pensamento “escolástico” que, no seu entender, maculara a santidade da união dos sexos, encarando-a como libertina, desconhecendo o perigo, o devotamento que constituem o âmago dessa união, assim como a profunda troca de vida que é o seu verdadeiro mistério (56).

Criatura marcada pela natureza, frágil e incapaz de se conduzir sôzinha, necessitando o amparo do Homem para manter sua própria dignidade, onde a sociedade não a corrompe, exerce, por sua vez, uma influência benéfica sôbre o homem, civilizando-o (57). Se o homem libera a mulher por sua força, saúde e independência, ela o libera das baixezas, das fraquezas, da tristeza e da avidez do dinheiro. O amor físico afina as faculdades: o contacto com a mulher pura e amada, cujo coração responde ao coração, comunica algo de sua excelência moral, de sua doce serenidade (58). O espírito se harmoniza, a observação, a análise, a lógica ficam liberadas e em sua plena produtividade. Assim o amor carnal purifica o homem e aproxima-o de Deus.

Ao atingir a maturidade, torna-se a mulher colaboradora do homem, sua inspiradora confidente. Ela zela por êle (59) tranqüiliza-o, reconforta-o.

A mulher, tal como êle a vê, é um misto de santa, rainha, doente e criança (60). No retrato que nos traça da figura feminina, o que nos revela não é um ideal de emancipação da mulher para convertê-la num símile do homem, mas a sua emancipação para realização de suas potencialidades femininas que são, a seu ver, profundamente distintas da do homem. A mulher é, para êle, o objeto de devoção: um objeto sagrado que quando conserva puro o seu coração é divindade (61). O

(56) — *Ibidem*, pág. 199.

(57) — *Ibidem*, pág. 38.

(58) — *Ibidem*, pág. 373.

(59) — *Ibidem*, pág. 439.

(60) — Michelet, Jules, *L'Amour*, pref. de J. Lemaitre. Paris, 1920.

(61) — *Ibidem*, *L'Amour*. Paris, 1889, 18a. ed., pág. 150.

amor é coisa cerebral (62). Todo desejo é uma idéia, às vèzes confusa, que um estado físico secundou, inflamou, mas que assim mesmo o precedeu.

“Des deux pôles de la vie nerveuse, la pôle inferieur, le sexe, a peu d’initiative. Il attend le signe d’en haut”.

O desejo se renova incessantemente, pela fecundação do espírito, a originalidade das idéias, a arte de ver e encontrar novos aspectos morais, enfim — pela ótica do amor.

O amor verdadeiro, diz êle, é sempre puro (63), é adoração, devoção, quase uma religião:

“J’ai toujours eu en ce monde la religion de l’Amour et le desir de l’augmenter” (64).

O amor não é uma crise, um drama ou um ato, é uma sucessão, às vèzes longa, de sentimentos diversos que alimentam tôda a vida e a renovam quotidianamente. Cabe ao homem a iniciativa e a responsabilidade de moldar a alma e o corpo da mulher, transformando-a de jovem ingênua e pura, em espôsa, mãe e mulher. E’ nessa obra de criação que o homem por sua vez se renova e se aperfeiçoa com a ajuda da mulher (65).

À semelhança da maioria dos escritores de seu tempo, Michelet não faz distinções entre união livre e casamento legal, embora desenvolva uma concepção exclusivista e monogâmica do amor. Critica os casamentos de conveniência. Libertinagens, divórcios, cortesãs, adultérios: temas de moda, não têm a sua simpatia. As tentativas de reabilitação da cortesã, tão características de certa tendência do Romantismo não chegam a comovê-lo (66).

Só o verdadeiro amor, o amor monogâmico é capaz de permitir que se descubra o infinito num único ser. Num mundo onde tudo está em efervescência é preciso ter um ponto

(62) — *Ibidem*, op. cit., pág. 431.

(63) — *Ibidem*, pág. 151.

(64) — *Ibidem*, pág. 358.

(65) — *Ibidem*, pág. 177.

(66) — *Ibidem*, pág. 356.

fixo: êsse ponto é o lar, alicerçado num profundo amor que se renova todos os dias ao longo da existência. Essa é a tese de Michelet (67), (68).

*

Para um psicanalista a leitura dessa obra de Michelet sobre o amor sugeriria provavelmente uma série de reflexões sobre a personalidade do Autor. Ele iria buscar na sua vida, no seu **Journal** e em outras obras, elementos que lhe permitissem comprovar a existência de uma “fixação materna”, uma “frustração” ou uma “neurose” que viessem explicar a veneração de Michelet pela mulher e esclarecer a sua concepção do amor. Um crítico provavelmente procuraria provar as coerências e incoerências entre seu pensamento, sua vida e sua obra. Invocaria, talvez, suas paixões, seus casos de amor, infidelidades conjugais, as confissões mais íntimas que pontilham toda sua obra, o sucesso de seu casamento com Athénais Mialaret, já atingida a maturidade. Tentaria através da obra conhecer principalmente o homem e através dêste alcançar todo o significado da obra. Como Roland Barthes (69), analisaria as me-

(67) — *Ibidem*, pág. 442.

(68) — Embora muito diverso na sua orientação geral, o livro *De L'Amour* de Stendhal, publicado mais de trinta anos antes, apresenta certos traços comuns a essa orientação romântica dentro da qual se enquadra o livro de Michelet. Depois de classificar os vários tipos de amor e dissertar sobre eles, faz Stendhal a apologia do “amor paixão”: “L'Amour à la Werther ouvre l'âme à tous les arts, à toutes les Impressions douces et romantiques, au clair de lune, à la beauté des bois, à celle de peinture, en un mot au sentiment et à la jouissance du beau, sous quelque forme qu'il se présente”... para concluir que os Werther são mais felizes que os Don Juan: “Votre manière d'avoir les femmes, diz êle, tue toutes autres jouissances de la vie, celles de Werther les centuple”. Como Michelet, Stendhal advogava a idéia de que um grande amor pode ser virtuoso e critica as obras literárias que pintavam a dissociação dos dois sentimentos: virtude e amor, Stendhal, *De L'Amour*, 2 vols. Paris, 1932, tomo II, pág. 42.

(69) — Barthes, Roland, *Michelet par lui-même*. Paris, Edit. du Seuil, 1954, pág. 5. “Tel a été mon dessein: retrouver la structure d'une existence (je ne dis pas d'une vie), une thématique si l'on veut, ou mieux encore: un réseau organisé d'obsessions”. Na sua análise de Michelet, diz êle à pág. 131: “Michelet voit toujours dans la Femme le Sang” e mais adiante “Pour Michelet — et que de professions indiscrettes à ce sujet — la féminité n'est donc totale qu'au moment des règles”. A partir dessa conclusão, Barthes

táforas de Michelet, procurando “uma unidade”, uma “rêde organizada de obsessões”. Para nós, não são êsses aspectos que interessam. Respeitamos o homem na sua intimidade, nas suas incoerências de ser humano, nos seus anseios de amor e plenitude. Fiquemos com o seu depoimento. Sua concepção de amor, sua idealização da mulher, são para nós um testemunho que nos permite evocar uma das tendências do amor romântico. Até que ponto essa concepção está marcada por uma visão personalista do problema, até que ponto ela corresponde a uma tendência de sua época, até que ponto essa tendência se liga, por sua vez, a outras já existentes no pensamento ocidental, ou se deixa influenciar por idéias da filosofia oriental com a qual estava Michelet tão familiarizado, só uma pesquisa mais demorada poderá dizer. Seria preciso que se pesquisasse não somente entre os autores do Romantismo, como em autores de outras épocas, não apenas na cultura ocidental como em outras culturas, para que se pudesse separar o que existe de transitório, de específico e momentâneo no seu pensamento e o que existe de permanente a refletir um anseio do homem. Mas não é êsse exatamente um dos grandes problemas da história, da psicologia, da sociologia e, porque não dizer, também da filosofia?

afirmará: “C'est dire que l'objet de l'amour est moins posséder la Femme que de la découvrir. C'est une érotique de la voyance non de la possession, et Michelet amoureux, Michelet comblé, n'est rien d'autre que Michelet voyer”. (1).